

## **ANOTAÇÕES PARA AULA**

### **CULTURA**

Alguns autores:

Aurélio: "o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade; civilização; a cultura ocidental; a cultura dos esquimós".

Cascudo: "conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível pela convivência e ensino, de geração em geração." (CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983. p.39)

Santos: "modo de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la." (SANTOS, José Luiz dos. *O que É Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983. Primeiros Passos: 110)

[...] "é memória, é política, é história, é técnica, é cozinha, é vestuário, é religião etc. Ali onde os seres humanos criam símbolos, valores, práticas, há cultura. Ali onde é criado o sentido do tempo, do visível e do invisível, do sagrado e do profano, do prazer e do desejo, da beleza e da feiura, da bondade e da maldade, da justiça e da injustiça, ali há cultura." (Diretrizes da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Gestão Luíza Herundina)

A cultura serve como identidade e forma de comunicação, como sobrevivência e reprodução social. Também serve como distinção entre "nós" e os "outros".

Aqui introduzimos a noção de ETNOCENTRISMO.

### **CULTURA, IDENTIDADE CULTURAL E ETNOCENTRISMO**

Reproduziremos aqui trechos do livro *Raça e História* de Claude Lévi-Strauss, que nasceu em Bruxelas em 1908. Filósofo e Etnólogo, seus trabalhos o fizeram uma das figuras

mais notáveis da Etnologia e do pensamento contemporâneos. O livro do qual citamos alguns parágrafos foi editado pela primeira vez pela UNESCO, fazendo parte de coleção encomendada pela ONU a vários autores com o intuito de fornecer fundamentos científicos que ajudassem a romper com o racismo e incompreensão entre os povos.

*[...] ao lado das diferenças [culturais] devidas ao isolamento [geográfico entre sociedades], existem aquelas, também importantes, devidas à proximidade: desejo de oposição, de se distinguirem, de serem elas próprias. [...] Por conseguinte, a diversidade das culturas humanas [...] é menos função do isolamento dos grupos, que das relações que os unem.*

*E, no entanto, parece que a diversidade das culturas raramente surgiu aos homens tal como é: um fenômeno natural, resultante das relações diretas ou indiretas entre as sociedades; sempre se viu nela, pelo contrário, uma espécie de monstruosidade ou de escândalo [...].*

*A atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. "Costumes de selvagens", "isso não é nosso", "não deveríamos permitir isso" etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas. Deste modo a Antigüidade confundia tudo o que não participava da cultura grega (depois greco-romana) sob o nome de bárbaro; em seguida, a civilização ocidental utilizou o termo de selvagem ao mesmo sentido. Ora, por detrás destes epítetos dissimula-se um mesmo juízo: é provável que a palavra bárbaro se refira etimologicamente à confusão e à desarticulação do canto das aves opostas ao valor significante da linguagem humana; e selvagem, que significa "da floresta", evoca também um gênero de vida animal, por oposição à cultura humana. Recusa-se, tanto num como noutro caso, a admitir a própria diversidade cultural, preferimos repetir como cultura tudo o que esteja conforme a norma sob a qual se vive. [...]*

*Esta atitude do pensamento, em nome da qual se rejeitam os "selvagens" (ou todos aqueles que escolhemos considerar como tais) para fora da humanidade, é justamente a atitude mais marcante e a mais distintiva destes mesmo selvagens. Sabemos, na verdade, que a noção de humanidade, englobando, sem distinção de raça ou de civilização, todas as formas da espécie humana, teve um aparecimento muito tardio e uma expansão limitada. Mesmo onde ela parece ter atingido o seu mais alto grau de desenvolvimento, não existe qualquer certeza - tal como a história recente o prova - de se ter estabelecido ao abrigo de equívocos ou de regressões. Mas para vastas frações da espécie humana e durante dezenas de milênios, esta noção parece estar totalmente ausente. A humanidade acaba nas fronteiras da tribo, do grupo*

*lingüístico, por vezes mesmo, da aldeia; a tal ponto que um grande número de populações ditas primitivas se designam por um nome que significa os "homens" (ou por vezes, - digamos com mais discricção - os "bons", os "excelentes", os "perfeitos"), implicando assim que as outras tribos, grupos ou aldeias não participem das virtudes - ou mesmo da natureza - humanas, mas são, quando muito, compostos por "maus", "perversos", "macacos de terra", ou "ovos de piolho". Chegando-se mesmo, a maior parte das vezes, a privar o estrangeiro deste último grau de realidade fazendo dele um "fantasma" ou uma "aparicção". Assim acontecem curiosas situações onde os interlocutores se dão cruelmente réplica. Nas Grandes Antilhas, alguns anos após a descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de investigação para indagar se os indígenas possuíam ao não alma, estes últimos dedicavam-se a afogar os brancos feitos prisioneiros para verificarem, através de uma vigilância prolongada, se o cadáver daqueles estava, ou não, sujeito à putrefacção. [...] O bárbaro é em primeiro lugar o homem que crê na barbárie.*

- visão de sociedades "primitivas" contemporâneas, no sentido do passado da civilização greco-latina: visão evolucionista (nova expressão do etnocentrismo com aparência de ciência). Nossas sociedades são contemporâneas, isto é, convivem no mesmo período histórico.

*É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas. (SANTOS, p. 8-9)*

Mas...

o problema da diversidade não se coloca apenas a propósito das culturas encaradas nas suas relações recíprocas, existe no seio de cada sociedade, em todos os grupos que a constituem: classes, meios profissionais ou confessionais etc., desenvolvem determinadas diferenças às quais cada uma delas atribui uma extrema importância.

Daí a necessidade de pensar a nossa cultura - brasileira - e suas diferentes manifestações.

Pensar a diversidade cultural no Brasil.